

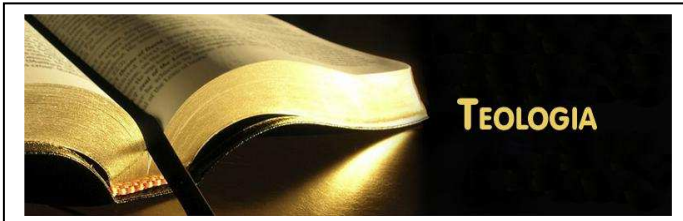


KÉRYX ESTUDOS BÍBLICOS E TEOLÓGICOS

Seminário Teológico

Prof. Herbert A. Pereira

TEOLOGIA SISTEMÁTICA – PARTE I (TEOLOGIA)



Como aprendemos anteriormente a teologia sistemática é uma correlação de informações bíblicas como um todo, de modo ordenado, a fim de explicar e apresentar sistematicamente o conteúdo

total referente a aspectos distintos da revelação de Deus. Em nosso estudo dentro da teologia sistemática, começaremos abordando a teologia propriamente dita, ou seja, o estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade, de seus atributos e relações com o mundo e com os homens, e à verdade religiosa.

1. A REVELAÇÃO DE DEUS

Sendo os seres humanos finitos e Deus, infinito, não podemos conhecer a Deus, a menos que Ele se revele a nós, ou seja, a menos que ele se manifeste aos humanos de tal forma que estes possam conhecê-Lo e ter comunhão com Ele. E se a teologia é o estudo da revelação de Deus, de que maneira essa revelação ocorre? De duas formas: através da “revelação geral” (também chamada de *revelação universal* ou *natural*) e da “revelação específica” (também chamada de *revelação particular* ou *especial*).

1.1. A Revelação Geral. Ela é encontrada na natureza, na história e na consciência. É comunicada por meio de fenômenos naturais que ocorrem na natureza ou no decorrer da história; é endereçada a todas as criaturas inteligentes de modo geral e é acessível a todas; tem por objetivo suprir a necessidade natural do homem e a persuasão (convencimento; convicção) da alma para buscar o Deus verdadeiro (sugestão de leitura: ‘O fator Melquisedeque’, Don Richardson – Ed. Vida Nova).

“Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite.” (Salmo 19.1-2)

“Pois do céu é revelada a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça. Porquanto, o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, contudo não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes nas suas especulações se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu.” (Romanos 1.18-21)

1.2. A Revelação Específica. Com revelação específica queremos dizer aqueles atos de Deus pelos quais Ele dá a conhecer a Si próprio e a Sua verdade em momentos especiais e a povos específicos. Ela é dada ao homem de várias maneiras: na forma de milagres, na forma de profecias, na pessoa do Senhor Jesus Cristo, nas Sagradas Escrituras e através da nossa experiência pessoal.

2. A NATUREZA DE DEUS

2.1. Os nomes de Deus

O nome dá autoridade a quem o possui. Ao contrário, aquele que não tem nome é desprezado, é como afirmar que ele não existe ou que é nulo, caótico, pois “*o nome é como a alma da pessoa*”. Já no princípio da criação Deus deu um nome ao homem e depois ordenou que ele desse nome a todos os seres criados (cf. Gênesis 2.19). Saber o nome divino é conhecer Deus como Ele se revelou.

Um dos termos mais amplamente usados para a Divindade nos tempos antigos é אל (*El*). Mas assim como $\theta\epsilon\acute{o}s$ (*Theós*) em grego, e *Deus* em latim e português, o termo é um nome genérico, incluindo todos os outros membros na classe das divindades. Ele expressa majestade e autoridade, apesar do significado da raiz אל (*El*) estar perdida.

Nenhum texto, por mais antigo que seja, pode fornecer qualquer indicação sobre a pronúncia do original e verdadeiro nome de Deus. Isso porque a escrita original dos primitivos hebreus não possuía vogal; conseqüentemente, nos textos mais antigos, os quais deram origem aos livros do Antigo Testamento da Bíblia, o nome de Deus era escrito apenas com as consoantes יהוה (YHWH): quatro letras místicas denominadas “Tetragrama Sagrado” as quais designam, até hoje, o nome de Deus.

Posteriormente, alguns sinais, denominados sinais vocálicos, foram introduzidos naquela escrita, afetando as consoantes apenas quando isso fosse julgado conveniente. Na época em que o texto bíblico recebeu essa pontuação vocálica, o nome de Deus já não era pronunciado há muito tempo (dezenas de gerações), por causa do zelo religioso.

Os antigos hebreus, muito supersticiosos, deixaram de pronunciar o nome de Deus temendo que o estivessem tomando em vão e, assim, cometendo grave pecado (cf. Êxodo 20.7; Deuteronômio 5.11). Por conseguinte, quando estavam lendo os antigos textos sagrados e chegavam às consoantes יהוה (YHWH) pronunciavam, em seu lugar, a palavra אלהים (*Elohîm*), designação genérica de divindades (mas quando aplicada ao nosso Deus, ela atua como plural de majestade), e menos freqüentemente a palavra אדוני (*Adonay*), que significa “o Senhor” ou “meu Senhor”.

As Sagradas Escrituras, escritas muito antes da era cristã, foram registradas em hebraico e alguns trechos em aramaico. Nas escrituras hebraicas o tetragrama יהוה (YHWH), nome original de Deus, ocorre 6.823 vezes no texto, אֱלֹהִים (Elohîm), aparece 2.500 vezes e אֲדֹנָי (Adonay), apenas 17 vezes.

Nos séculos VII-VIII d.C. os massoretas colocaram as vogais em todo o texto hebraico da Bíblia e quando tiveram que vocalizar o tetragrama do nome de Deus, colocaram as vogais da palavra אֲדֹנָי (Adonay). O nome de Deus, então, passou a ser grafado da seguinte forma: יהוה־י (Yahweh). Fizeram isso para evitar que se pronunciasse o nome de Deus. Se alguém que devia ler o texto, mesmo que estivesse um pouco distraído, não iria ler o nome de Deus. Essa era considerada uma falta gravíssima! Ou seja, a tradição hebraica mantinha um respeito grandíssimo pelo nome de Deus. Ainda hoje, em sites brasileiros – mas que foram feitos por judeus – esse respeito é visível. Neles você não encontrará a palavra “Deus”, mas, sim, “D’us”. Por tradição, muitas Bíblias em português trazem no lugar de *Yahweh* a expressão “SENHOR”, grafada com caracteres unciais (cf. Salmo 68.4; 96.1-6; 99.8-9; Isaías 42.8).

O nome יהוה־י (Yahweh) parece vir de uma forma imperfeita do verbo hebraico הָיָה (hãyâh) que significa “ser”, “tornar-se”, “existir”. O significado de יהוה־י (Yahweh), portanto, possivelmente seria “O que Era e o que É e o que há de Ser” ou “O Eterno”.

Em Gênesis 2.4b é onde o nome de *Yahweh* aparece escrito pela primeira vez. A Bíblia diz que foi Enos o primeiro a pronunciar o nome de *Yahweh* (cf. Gênesis 4.26). No entanto, parece que foi mesmo a Moisés que Deus revelou o seu verdadeiro nome: “Deus falou a Moisés e lhe disse: ‘Eu sou *Yahweh*. Apareci a Abraão, a Isaque e Jacó como *El-Shaddai*; mas meu nome *Yahweh*, não lhes fiz conhecer” (Êxodo 6.2-3).

O singular de אֱלֹהִים (Elohîm), אֵל (El), é usado regularmente pelos escritores do Antigo Testamento com verbos e adjetivos no singular para dar a idéia de singularidade.

Esses nomes (caracterizados como sendo expressões de um singular composto) revelam algumas das qualidades de Deus. Cada nome foi utilizado em algum momento específico da história. Dentre os diversos nomes atribuídos a Deus, podemos citar os seguintes:

El-Shaddai	→ “Deus todo poderoso”
El-Elyon	→ “Deus altíssimo”
El-Rôi	→ “O Deus que vê”
El-Olam	→ “O Deus eterno”
El-Elohe Yisráel	→ “Deus, o Deus de Israel”
Yawehw-Ropheka	→ “O Senhor teu médico”
Yaweh- Nissi	→ “O Senhor minha bandeira”
Yaweh- Shalon	→ “O Senhor é minha paz”

Yaweh Rafá	→ “O senhor que sara (ou cura)”
Yaweh-Raah	→ “O Senhor é o meu pastor”
Yaweh-Tsidkenu	→ “O Senhor justiça nossa”
Yaweh-Shammah	→ “O Senhor está ali”
Yaweh-Sabaoth	→ “O Senhor dos exércitos”
Yaweh-Jirê	→ “O Senhor proverá”

3. A IMPORTÂNCIA DO USO DE TERMOS TÉCNICOS E TEOLÓGICOS

Quando estudamos qualquer assunto relacionado à teologia, o uso de termos técnicos ou teológicos é muito importante por pelo menos dois motivos:

- Ajuda na compreensão de leituras realizadas em outros livros que tratam do mesmo assunto;
- Facilita a realização de uma pesquisa posterior sobre um determinado assunto ou quando precisamos nos aprofundar um pouco mais sobre algum tema específico.

Ao estudarmos sobre as manifestações de Deus e suas implicações, o uso de alguns termos técnicos ou teológicos nos ajuda a ampliar nossa visão e conhecimento sobre o assunto.

4. AS MANIFESTAÇÕES DE DEUS

As manifestações divinas e as maneiras como elas ocorrem nos ajudam a aprimorar nosso conhecimento sobre Deus e nossa relação com Ele.

4.1. A TEOFANIA

Teofania, do grego θεοφάνια (*theophánia*), é uma palavra formada por θεός (*Theós* = Deus) + φαίνομαι (*Phainómai* = aparecer). Literalmente significa “*alguma manifestação visível (perceptível) de Deus, na forma que Ele quiser*”.

Teofania é um termo teológico que indica qualquer manifestação **temporária** e normalmente visível de Deus. Deve ser distinguida da manifestação divina **permanente** (epifania), em Jesus Cristo, chamada “encarnação”.

Quase todos os casos de teofania são encontrados nos dias do Antigo Testamento. Exemplos: Êxodo 23.20-23, Êxodo 32.34, Êxodo 33.14-15, Isaías 6.1-4, Isaías 63.9 etc.

No Novo Testamento também encontramos alguns exemplos de teofania:

- A voz celeste e a “pomba” que aparecem por ocasião do batismo de Jesus (cf. Mateus 3.16-17);
- A voz ouvida durante a transfiguração do Senhor Jesus (cf. Mateus 17.5);
- A voz ouvida na semana da paixão (cf. João 12.28);
- A descida do Espírito Santo durante a festa de Pentecostes (cf. Atos 2.2-3);
- As visões de Estevão e de Paulo (cf. Atos 7.55-56; 9.3-6).

Na Bíblia nunca se dá ênfase à maneira como a teofania ocorre. O que ali importa é o que Deus fez e disse. Normalmente, a teofania visa dar uma mensagem, ao passo que a forma visível meramente atrai e fixa a atenção. Isso talvez fique um pouco mais claro no episódio da sarça ardente (cf. Êxodo 3.2-6) e na entrega da lei com todas as suas manifestações físicas (cf. Êxodo 19.18-19; 20.18).

O físico é apenas secundário. Na luta em que Jacó teve com o Anjo do Senhor (cf. Gênesis 32.22-30), não há qualquer descrição sobre a aparência do Anjo do Senhor.

4.1.1. O “Anjo do Senhor”.

A palavra “anjo”, do hebraico מַלְאָךְ (*mal’āk*) ou do grego ἄγγελος (*àngelos*), significa “mensageiro” ou “enviado”. O termo anjo, de maneira geral, aplica-se a todos os seres espirituais criados por Deus.

A expressão “Anjo do Senhor” é encontrada mais de cinquenta vezes no Antigo Testamento. Em diversas passagens da Bíblia, vemos menção de anjos desempenhando diversas funções. Mas em algumas passagens vemos que quando a Bíblia se refere ao chamado “Anjo do Senhor”, notamos que esse Anjo recebe um tratamento diferenciado, recebendo inclusive adoração, algo que é exclusivo a Deus (cf. Josué 5.13-15).

Existe uma diferença radical quando a Bíblia menciona a expressão “**um** anjo” de quando menciona a expressão “**o** Anjo”:

⇒ “**um** anjo” refere-se a um anjo qualquer como tantos que existem nas regiões celestiais prestando serviços a Deus.

⇒ “**o** Anjo” refere-se um ser específico, um ser único, sem outro igual ou semelhante. Assim como existe o arcanjo Miguel, o anjo Gabriel, existe o Anjo do Senhor.

A Palavra de Deus afirma que ninguém pode receber adoração além de Deus. Ele não divide a Sua glória com ninguém, seja lá quem for:

*“Então ordenou-lhe Jesus: Vai-te, Satanás; porque está escrito: **Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás.**” (Mateus 4.10)*

*“Eu, João, sou o que ouvi e vi estas coisas. E quando as ouvi e vi, **prostrei-me aos pés do anjo** que mas mostrava, **para o adorar**. Mas ele me disse: **Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.**” (Apocalipse 22.8-9)*

No entanto vemos Josué se prostrando diante de um homem com uma espada na mão e adorando-o:

*“Ora, estando Josué perto de Jericó, levantou os olhos, e olhou; e **eis que estava em pé diante dele um homem que tinha na mão uma espada nua**. Chegou-se Josué a ele, e perguntou-lhe: És tu por nós, ou pelos nossos adversários? Respondeu ele: Não; mas venho agora como príncipe do exército do Senhor. **Então Josué, prostrando-se com o rosto em terra, o adorou** e perguntou-lhe: Que diz meu Senhor ao seu servo? Então respondeu o príncipe do exército do Senhor a Josué: Tira os sapatos dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E Josué assim fez.” (Josué 5.13-15)*

Observe o texto abaixo. Podemos notar que o Anjo do Senhor não disse que Deus iria multiplicar a descendência de Agar. Pelo contrário, o Anjo do Senhor afirmou que ele mesmo iria fazer isso. Além disso, Agar chama o Anjo do Senhor de “*El-Rói*” (o Deus que me vê):

*“Então o anjo do Senhor, achando-a junto a uma fonte no deserto, a fonte que está no caminho de Sur, perguntou-lhe: Agar, serva de Sarai, donde vieste, e para onde vais? Respondeu ela: Da presença de Sarai, minha senhora, vou fugindo. Disse-lhe o anjo do Senhor: Torna-te para tua senhora, e humilha-te debaixo das suas mãos. **Disse-lhe mais o anjo do Senhor: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, de modo que não será contada, por numerosa que será.** Disse-lhe ainda o anjo do Senhor: Eis que concebeste, e terás um filho, a quem chamarás Ismael; porquanto o Senhor ouviu a tua aflição. Ele será como um jumento selvagem entre os homens; a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará diante da face de todos os seus irmãos. **E ela chamou, o nome do Senhor, que com ela falava, El-Rói;** pois disse: Não tenho eu também olhado neste lugar para aquele que me vê?” (Gênesis 16.7-13)*

Em outra ocasião, o Anjo do Senhor diz que Abraão não negou o seu filho a ele (ao Anjo do Senhor). Mas os únicos sacrifícios aceitáveis eram aqueles dedicados única e exclusivamente a Deus:

*“Mas o anjo do Senhor lhe bradou desde o céu, e disse: Abraão, Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui. Então disse o anjo: Não estendas a mão sobre o mancebo, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que **temes a Deus**, visto que não **me negaste** teu filho, o teu único filho.” (Gênesis 22.11-12)*

Para resolvermos esse suposto dilema, basta entendermos que os textos citados anteriormente são um exemplo claro de teofania, ou seja, uma manifestação visível de Deus – nesse caso na forma humana:

*“**E apareceu-lhe o anjo do Senhor** em uma chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia; pelo que disse: Agora me virarei para lá e verei esta maravilha, e por que a sarça não se queima. E vendo o Senhor que ele se virara para ver, chamou-o do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés! Respondeu ele: Eis-me aqui. Prosseguiu Deus: Não te chegues para cá; tira os sapatos dos pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa. Disse mais: **Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó.** E Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus.” (Êxodo 3.2-6; cf. Gênesis 31.11-13)*

A figura do Anjo do Senhor se refere à pessoa do nosso Senhor Jesus Cristo. É Jesus pré-encarnado. É o grande “EU SOU”; é o Senhor Jesus agindo e interagindo no Antigo Testamento:

*“Então Moisés disse a Deus: Quem sou eu, para que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel? Respondeu-lhe Deus: Certamente eu serei contigo; e isto te será por sinal de que eu te enviei: Quando houveres tirado do Egito o meu povo, servireis a Deus neste monte. Então disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Respondeu Deus a Moisés: **EU SOU O QUE SOU.** Disse mais: Assim dirás aos olhos de Israel: **EU SOU** me enviou a vós.” (Êxodo 3.11-14)*

*“Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, **EU SOU.**” (João 8.58)*

*“Desde já no-lo digo, antes que suceda, para que, quando suceder, creiais que **EU SOU.**” (João 13.19)*

Observe que no Novo Testamento, enquanto o Senhor Jesus esteve na terra, não há menção alguma sobre o Anjo do Senhor. Só é mencionado anjos comuns, pois o Anjo do Senhor havia se manifestado em carne: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que se **manifestou em carne**, foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, e recebido acima na glória.” (1Timóteo 3.16).

* **Importância das teofanias:** é preciso ficar claro em nossa mente que a importância principal de uma teofania está em sua revelação de Deus, destacando-se, contudo, a sua mensagem verbal. Os aspectos físicos estão ali, a fim de magnificar e autenticar a revelação, mas a Palavra é o que realmente importa.

A maior de todas as teofanias, contudo, ainda está no futuro. Isso ocorrerá por ocasião do retorno de Cristo. Foi Ele mesmo quem ensinou: “Logo depois da tribulação daqueles dias, escurecerá o sol, e a lua não dará a sua luz; as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as tribos da terra se lamentarão, e **verão vir o Filho do homem sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.**” (Mateus 24.29-30).

4.2. A EPIFANIA

Epifania, do grego επιφάνεια (*epipháneia*), significa “o que aparece de repente” ou “manifestação”.

O termo, dentro do contexto politeísta, falava sobre a suposta manifestação dos deuses, em certos homens, especialmente aqueles que se destacam nos campos da religião, da política e da guerra. Esse termo antecipa mas não duplica a verdadeira “epifania” ou “manifestação” de Deus em Cristo, por meio de quem Deus tornou-se conhecido (cf. João 1.18).

Tanto a teofania como a epifania podem se referir a um tipo de manifestação de Deus. Mas dentro do estudo teológico a maior diferença entre a teofania e a epifania está no fato de que, enquanto a teofania se refere à manifestação **temporária** de Deus, a epifania refere-se à manifestação **permanente** de Deus (através da encarnação de Cristo).

Infelizmente, muitas pessoas ainda têm – ainda que inconscientemente – o conceito de que a manifestação de Deus ocorre conforme a cultura grega ensinava desde a época do imperador Póstumo (264 a.C.), onde todos os deuses existentes derivam de Zeus, rei soberano, pai dos deuses e dos homens. Era pai no sentido de proteger e ser o soberano tanto da família olímpica, como da raça humana. Um exemplo desse tipo de conceito está no fato de normalmente nós vemos caricaturas de Deus estando sentado numa nuvem e jogando raios nas pessoas desobedientes e mentirosas. Quem ainda não ouviu a célebre frase: “*quero que um raio cáia na minha cabeça se eu estiver mentindo!*”?

4.3. O ANTROPOMORFISMO

Antropomorfismo. Do grego ἄνθρωπος (*anthropos* = “homem”) + μορφή (*morphé* = “forma, figura, aspecto exterior”). Significa literalmente “de forma humana”. É a idéia de que Deus tem alguma espécie de formato, similar à anatomia humana.

Não há entre os homens uma linguagem puramente divina, pelo que não há como falar sobre Deus sem usar termos que o antropomorfizem. Essa circunstância envolve uma severa limitação em nosso entendimento e em nossos discursos sobre Deus, refletindo nossas atuais limitações no campo do conhecimento e entendimento espiritual.

O antropomorfismo é mais comum no Antigo Testamento. Ali Deus é apresentado sob forma humana (cf. Êxodo 15.3; Números 12.8), com pés (cf. Gênesis 3.8; Êxodo 24.10), mãos (cf. Êxodo 24.11; Josué 4.24), boca (cf. Números 12.8; Jeremias 7.13), coração (cf. Oséias 11.8).

O homem foi criado à imagem de Deus (cf. Gênesis 1.27), e os teólogos usualmente são cuidadosos ao declarar que se trata de uma imagem “moral e espiritual”, e não física. Mas mesmo assim, nossa compreensão de Deus fica severamente limitada, pois, no sentido estrito, quem pode comparar o homem a Deus?

4.4. O ANTROPOPATISMO

Antropopatismo. Do grego ἄνθρωπος (*anthropos* = “homem”) + παθεῖν (*patheín* = “sofrer, suportar”). O termo “sofrer” tem o sentido de “passar por”, “experimentar”. Significa que Deus “experimenta”, ou “passa por” experiências ou sentimentos humanos.

Esse termo grego se refere à atribuição de sentimentos humanos a qualquer coisa não humana, como objetos inanimados, animais, poderes da natureza, seres espirituais e Deus. Como é óbvio, algumas criaturas vivas não humanas têm sentimentos e emoções, embora seja difícil determinar o quanto elas se aproximam dos humanos.

Exemplos de emoções humanas atribuídas a Deus na Bíblia. Cf. Gênesis 6.6; Gênesis 8.21; Zacarias 1.2; Efésios 4.30; Romanos 1.18; Colossenses 3.6; Hebreus 3.11.

5. A IMANÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA DE DEUS

5.1. A imanência de Deus.

O significado de imanência é que Deus está presente e ativo dentro de Sua criação e dentro da raça humana, mesmo naqueles membros que não crêem nEle ou não Lhe obedecem. Sua influência está em toda a parte. Ele age nos processos naturais e por meio deles.

Imanência significa que Deus faz grande parte de Sua obra por intermédio de meios naturais. Ele não se restringe a milagres. Ele chega a usar pessoas descrentes comuns como Ciro, a quem descreveu

como seu “pastor” e “ungido” (cf. Isaías 44.28; 45.1). Ele usa a tecnologia, as habilidades e o aprendizado humanos.

A imanência divina ensinada nas Escrituras envolve várias implicações:

- a) Deus não se limita a agir diretamente para cumprir seus objetivos. Embora seja bem óbvio que Deus está agindo quando Seu povo ora e acontece uma cura milagrosa, é também ação de Deus quando, pela aplicação de conhecimentos e práticas medicinais, o médico é bem-sucedido, conseguindo restaurar a saúde do paciente. A medicina faz parte da revelação geral de Deus, e o trabalho do médico é um canal de atividade divina.
- b) Deus pode usar pessoas e organizações que não sejam declaradamente cristãs. Nos tempos bíblicos, Deus não se limitava a atuar apenas por intermédio da nação da aliança, Israel, ou por intermédio da Igreja. Ele chegou a usar a Assíria, uma nação pagã, a fim de punir Israel. Ele é capaz de usar organizações seculares ou nominalmente cristãs. Mesmo aqueles que não são cristãos fazem algumas coisas genuinamente boas e louváveis.
- c) Devemos ter apreço por todas as coisas criadas por Deus. O mundo é de Deus, e Deus está presente e ativo no mundo. Embora o mundo tenha sido dado à humanidade para ser usado na satisfação de suas legítimas necessidades, ela não pode explorá-lo a seu bel prazer ou por cobiça. A doutrina da imanência divina tem, por conseguinte, uma aplicação ecológica. Também possui implicações no que se refere as nossas atitudes para com outras pessoas. Deus está genuinamente presente em todos (embora não no sentido especial em que habita nos cristãos). Portanto, ninguém deve ser desprezado ou tratado com desrespeito.
- d) A imanência de Deus significa que há pontos em que o Evangelho pode fazer contato com o descrente. Se Deus está de alguma forma presente e ativo em todo o mundo criado, está presente e ativo dentro de seres humanos que não lhe entregaram pessoalmente a vida. Assim, há pontos em que eles estarão sensíveis à verdade da mensagem do Evangelho. A evangelização tem por alvo encontrar esses pontos e dirigir a mensagem da salvação a eles.

5.2. A transcendência de Deus.

O significado de transcendência é que Deus não é limitado à nossa capacidade de compreendê-Lo. Sua santidade e bondade vão muito além, infinitamente além das nossas, e isso também é verdade em relação a Seu conhecimento e poder. Ele é infinitamente maior que qualquer evento natural ou humano.

A doutrina da transcendência divina possui várias implicações que afetam nossas outras crenças e nossas práticas:

- a) Deus nunca pode ser completamente determinado pelos conceitos humanos. Isso significa que todas as nossas idéias doutrinárias, por mais que sejam úteis e corretas em sua base, não podem explicar plenamente a natureza de Deus. Ele não é limitado pela compreensão que temos dEle.
- b) Nossa salvação não é conquista nossa. Não somos capazes de nos elevar ao nível de Deus, preenchendo os padrões dEle para nós. Mesmo que fôssemos capazes de fazê-lo, ainda não seria conquista nossa. O próprio fato de sabermos o que Ele espera de nós é um fruto de Sua auto revelação, não de descoberta nossa.
- c) Sempre haverá uma diferença entre Deus e os seres humanos. O abismo entre nós não é apenas uma distância moral e espiritual que se originou com a queda. Mesmo depois de redimidos e glorificados, ainda seremos criaturas humanas. Nunca nos tornaremos Deus.
- d) Não devemos esperar que aconteça apenas o que pode ser realizado por meios naturais. Mesmo usando todas as técnicas disponíveis da aprendizagem moderna para cumprir as metas divinas, nunca cessaremos de depender de Sua obra.

5.3. A importância de uma compreensão equilibrada.

Tanto na questão da imanência de Deus, também no caso da transcendência de Deus, precisamos tomar cuidado com os perigos da ênfase excessiva. Não buscaremos a Deus apenas no religioso ou devocional; também o buscaremos nos aspectos “seculares” da vida. Não buscaremos exclusivamente os milagres, mas também não os desconsideraremos. Alguns dos atributos divinos, tais como a santidade, a eternidade e a onipotência são expressões do caráter transcendente de Deus. Outros, como a onipresença, são expressões de imanência. Se todos esses aspectos da natureza de Deus receberem a ênfase e a atenção que a Bíblia lhes confere, o resultado será um entendimento plenamente harmonioso da pessoa de Deus. Embora Deus nunca seja totalmente compreendido por nós por estar muito além de nossas idéias e formas, Ele está sempre ao nosso alcance quando nos voltamos para Ele.

6. OS ATRIBUTOS DE DEUS

6.1. Definição de atributo.

Um atributo é uma propriedade intrínseca ao seu sujeito, pela qual ele pode ser distinguido ou identificado.

O termo na sua aplicação significa algo pertencente a pessoas ou coisas. Os atributos de uma coisa são tão essenciais a ela que sem eles ela não podia ser o que é; o que é igualmente verdade dos atributos de uma pessoa. Se um homem fosse despido dos atributos que lhe pertencem, ele cessaria de ser um homem, pois esses atributos são inerentes naquilo que o constitui um ser humano.

Quando falamos dos atributos de Deus, estamos nos referindo àquelas qualidades de Deus que constituem o que Ele é; não como partes fragmentadas ou segmentos de Deus. Os atributos são qualidades permanentes. Não podem ser adquiridos ou perdidos. São intrínsecos. Os atributos de Deus são dimensões essenciais e inerentes de Sua própria natureza, ou seja, os atributos são inseparáveis do ser ou da essência de Deus.

6.2. Classificações dos atributos.

A maioria dos sistemas de classificação dos atributos baseia-se no fato de que alguns deles pertencem exclusivamente a Deus (exemplo: onipresença) e outros se encontram, de maneira limitada e em sentido relativo, também no homem (exemplo: amor).

É comum dividir-se os atributos de Deus em duas classes. Isto ajuda tanto à memória como ao entendimento. Sendo assim, a terminologia dessas classificações inclui:

- a) Atributos “incomunicáveis” (também são chamados de “absolutos”, “imanescentes” ou “constitucionais”); e
- b) Atributos “comunicáveis” (também chamados de “relativos”, “transitivos” ou “pessoais”).

Se relacionarmos as duas classificações nós teremos: “incomunicáveis x comunicáveis”; “absolutos x relativos”; “imanescentes x transitivos”; “constitucionais x pessoais”.

6.3. Atributos incomunicáveis.

- a) **Singularidade.** Deus é único, numericamente um; há um só Deus. Ele é infinitamente uno e indivisível. Mas é também absolutamente único. Supor dois ou mais Deuses igualmente perfeitos, seria absurdo. Dois Deuses seriam idênticos e então se confundiriam, ou seriam diferentes e então não poderiam ser ambos infinitamente perfeitos. (cf. 1Reis 8.60; Deuteronômio 6.4; Marcos 12.29,32; João 17.3; 1Coríntios 8.6; 1Timóteo 2.5; Efésios 4.6);
- b) **Infinidade.** Deus é infinito, isto é, sem limite em seu ser, pois é o ser por si, o ser que existe por sua própria essência. Nada existe além e acima de Deus, que de nada depende e ao qual tudo está subordinado. Ele “*habita em luz inacessível*” (cf. 1Timóteo 6.16), um Deus de “*juízos insondáveis*” e cujos caminhos são “*inescrutáveis*” (Romanos 11.33). Deus é infinito, ilimitado, ilimitável. “*Acaso sou Deus apenas de perto, diz o Senhor, e não também de longe? Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? Diz o Senhor; porventura não encho eu os céus e a terra? Diz o Senhor*” (Jeremias 23.23-24). “*Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá*”. (Salmo 139.7-10);

- c) **Eternidade.** Sendo infinito, Deus não tem começo nem fim. Só possuem duração limitada os seres imperfeitos. Deus, sendo infinitamente perfeito, é eterno. Não tem passado, futuro, nem presente. A eternidade é um atributo relacionado com a imutabilidade de Deus nos aspecto que o tempo não pode acrescentar ou tirar alguma coisa d'Ele, não pode aumentar nem diminuir o Seu conhecimento. Ele, porém, percebe os acontecimentos no tempo e age no tempo. “*Senhor, tu tens sido o nosso refúgio, de geração em geração. Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus*”. (Salmo 90.2);
- d) **Auto-existência.** Esta é uma característica unicamente de Deus. “*O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois Ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais*” (Atos 17.24-25). Deus é auto-suficiente. Ele não precisa de nada nem de ninguém para ser que é ou fazer o que fez e faz. Deus é absolutamente independente de tudo fora de Si, mesmo para continuidade e perpetuidade de seu Ser. Deus é a causa de todas as coisas, sem ser causado;
- e) **Imutabilidade.** Toda mudança constitui um progresso ou uma decadência. Só mudam e se transformam os seres imperfeitos. Sendo necessariamente perfeito, Deus é imutável, isto é, permanece idêntico a si mesmo, sem nenhuma mudança ou variação. (Apocalipse 22.13; Isaias 44.6). É o mesmo Deus, único e verdadeiro. Ele não somente é; Ele é o que é, sempre. Nada muda nEle. (Hebreus 1.10-12). “*Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança*” (Tiago 1.17). “*Porque eu, o Senhor, não mudo.*” (Malaquias 3.6);
- f) **Onipresença.** Deus não tem tamanho nem dimensões espaciais e está presente em cada ponto no espaço com todo o seu ser; Ele porém age de modos diversos em lugares diferentes. Deus não está em todos os lugares no mesmo sentido; isto é, a manifestação dEle é maior nos céus sua habitação, porém sua manifestação no inferno se dá de maneira punitiva, por exemplo. Deus não tem dimensões espaciais, Ele é o nosso ambiente mais próximo. Seu centro está em todos os lugares; Sua circunferência não está em lugar algum. “*Sou eu apenas Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor. Porventura não encho eu o céu e a terra? diz o Senhor.*” (Jeremias 23.23-24);
- g) **Presciência.** Se olharmos pelo aspecto em que a palavra “presciência” na Bíblia é empregada, não no sentido de prever eventos ou ações das pessoas, mas, sim, que está relacionada com o conhecimento prévio que Deus tem das pessoas. A presciência de Deus não é causativa, antes Deus conhece de antemão o que será porque Ele decretou o que há de ser. Um claro exemplo

disso são as seguintes palavras de Jesus dirigidas a Pedro. “... *Em verdade te digo que esta noite, antes que o galo cante três vezes me negarás.*” (Mateus 26.34; cf. João 13.38);

- h) **Soberania ou Supremacia.** Deus o supremo criador do universo não pode e jamais será influenciado por qualquer atitude humana ou evento de sua criação. Deus a tudo controla e tem o domínio eternamente sobre a vontade dos homens, dos seres celestiais e sobre todo o restante de sua criação. “*Tua é, ó Senhor, a grandeza, e o poder, e a glória, e a vitória, e a majestade, porque teu é tudo quanto há no céu e na terra; teu é, ó Senhor, o reino, e tu te exaltaste como chefe sobre todos.*” (cf. 1Crônicas 29.11);
- i) **Onipotência.** Isto é claramente expresso na pergunta: “*Acaso para Deus há coisa demasiadamente difícil?*”, feita depois de Deus ter prometido a Abraão e Sara um filho em idade avançada – Gênesis 18.14, e repetida novamente com sua promessa de restaurar e libertar a Jerusalém em face de sua destruição iminente pelo exército babilônico – Jeremias 32.27. Em ambos os casos a promessa divina foi cumprida à risca. O Novo Testamento contém igualmente um testemunho semelhante quanto à onipotência de Deus. Ele se revela como o Deus para quem “*nada é impossível*”. (Gênesis 17.1; 18.14; Salmo 24.8; 33.9; 89.13; 115.3; Hebreus 1.3; Efésios 3.20-21; Salmo 24.8; Jeremias 32.27; 2Coríntios 6.18; Apocalipse 1.8; Lucas 1.37; Mateus 19.26; Tito 1.2; Hebreus 6.18; 2Timóteo 2.13 e Tiago 1.13,17);
- j) **Onisciência.** Esta perfeição está intimamente ligada à Sua onipresença (Salmo 139.1-12). As implicações práticas são semelhantes e perturbadoras, mas trazem ao mesmo tempo segurança: Deus vê e, portanto, tudo sabe. Isso é, em especial, pertinente ao juízo, sendo simbolicamente expresso pela “*abertura dos livros*” (Apocalipse 20.12).

6.4. Atributos comunicáveis.

- a) **Inteligência.** Sendo tudo, em Deus, infinito, sua inteligência e sua ciência são também infinitas. Para saber, Ele não precisa raciocinar. Tudo vê e conhece. “... *quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído?*” (Jó 41.11);
- b) **Vontade.** A vontade divina não possui limites e é livre de todo obstáculo. Deus basta querer para fazer. Age com absoluta independência e sem contradição. “*Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?*” (Daniel 4.35);
- c) **Sabedoria.** A inteligência infinitamente perfeita de Deus gera a sabedoria absoluta que O faz empregar os meios mais eficazes para os fins mais dignos. Deus Tudo governa com inteligência, segurança e ordem;

- d) **Bondade.** Deus é amor infinito e perfeito. Deus é bom em si mesmo; absolutamente nada Lhe pode ser acrescentado ou melhorado, pois Ele não é incompleto ou defeituoso. Sua bondade se manifesta para todas as suas criaturas, pois é a perfeição que O leva a tratar benévolo e generosamente todas as Suas criaturas. Este atributo de Deus implica que Ele é o parâmetro definitivo do que é bom, e tudo o que Ele é e faz é digno de aprovação. (Gênesis 1.31; Salmo 145.9,15-16; Salmo 100.5; Salmo 106.1; Lucas 18.18-19; Romanos 12.2; Tiago 1.17; 1João 1.5; Atos 14.17);
- e) **Justiça.** Sendo em grau infinito, inteligente, sábio e bom, Deus é justo. Possuindo santidade absoluta que é ordem do amor, Ele age com justiça infinitamente perfeita. Por isso, pune o mal e recompensa o bem. Deus sempre age segundo o que é justo, e que Ele mesmo é o parâmetro definitivo do que é justo. *“Ele é a Rocha; suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos; Deus é fiel e sem iniquidade; justo e reto é ele”* (Deuteronômio 32.4). Outras referências: Esdras 9.15; Neemias 9.8; Salmos 119.137; 145.17; Jeremias 12.1; Lamentações 2.29; 3.4; Apocalipse 16.5; Deuteronômio 32.4; Romanos 3.25-26; Jó 40.2,8 e Romanos 9.20,21;
- f) **Santidade.** A santidade de Deus traça o padrão que Seu povo deve imitar. *“Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: Sereis santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo”* (Levítico 19.2). O Deus bíblico é tanto santo como amoroso, em unidade inseparável em cada pessoa da Trindade. A santidade de Deus é central em seu ser, sendo especialmente destacada no Antigo Testamento (Levítico 11.44; 19.2; Josué 24.19; 1 Samuel 6.20; Salmos 22.3; Isaías 57.15). A santidade de Deus indica que Ele é absolutamente puro e perfeito, sem qualquer pecado ou maldade; seu próprio ser é o resplendor e o derramamento da pureza, da verdade, da justiça, da retidão, da bondade e de toda perfeição moral.
- g) **Ira.** Deus odeia intensamente o pecado, e isto está associado à santidade e a justiça de Deus. Ele se opõe a tudo que vai contra o Seu caráter moral. *“Lembra-vos e não vos esqueçais de muito provocastes à ira do Senhor, vosso Deus no deserto; desde o dia em que saíste da terra do Egito, até que chegaste a este lugar, foste rebelde contra o Senhor; pois, em Horebe, tanto provocastes a ira ao Senhor, que a ira do Senhor se acendeu contra vós para vos destruir”* (Deuteronômio 9.7-8). Um exemplo da ira divina encontra-se na execução do dilúvio nos dias de Noé (Gênesis 6-8);
- h) **Amor.** *“Deus é amor”* (cf. 1João 4.8) é a definição bíblica mais conhecida de Deus. Nos contextos humanos, porém, o amor inclui uma considerável variedade de atitudes e atos. Em relação a Deus, trata-se de uma idéia muito específica. *“Nisto consiste o amor... em que...*

enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.” (1João 4.10); *“Nisto se manifestou o amor de Deus... em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo.”* (1João 4.9);

- i) **Misericórdia.** É o exercício do amor de Deus para com os aflitos e angustiados. A diferença básica entre graça e misericórdia é que aquela vê os homens pecadores culpados e condenados, concedendo perdão, enquanto que esta os vê miseráveis e necessitados, agindo afetuosamente para com eles, ou seja, concedendo alívio. É proveitoso afirmar que a misericórdia é uma extensão da graça de Deus. (cf. 2Samuel 24.14; Mateus 9.27; 2 Coríntios 1.3; Hebreus 4.16; 2.17; Tiago 5.11);
- j) **Paciência.** É o poder de controle que Deus exerce sobre si mesmo, agindo complacentemente para com o ímpio, detendo por um tempo o castigo que este merece. Este atributo, ainda que beneficie a criatura, concerne, no entanto a Deus, pois é o poder que ele controla sua ira, adiando o julgamento, continuando a oferecer salvação e graça por longos períodos. (Números 1.3; Salmos 86.15; Romanos 2.4; 9.22; 1 Pedro 3.20; 2 Pedro 3.9; Tiago 1.19; Jonas 4.21; Salmo 103.8-9.).

7. CARACTERÍSTICAS DA VONTADE DE DEUS

O estudo da vontade de Deus abrange a faculdade de Deus auto-determinar-se e escolher, a preferência imperativa e absoluta de Deus e o propósito e plano de Deus. Deus não coage o ser humano a segui-Lo, mas deixa-o viver segundo o seu querer, removendo suas restrições aos atos e as suas respectivas conseqüências, liberando o pleno exercício da autonomia humana (Romanos 1.28).

No estudo da teologia, quando analisamos o atributo da vontade de Deus, fazemos distinção entre a “vontade absoluta” e a “vontade permissiva” de Deus. Não se trata de dois tipos de vontade, mas de algo que nos remete ao misterioso dilema a cerca da relação entre soberania divina e liberdade humana.

7.1. A vontade absoluta. A vontade absoluta (também chamada de vontade “perfeita” ou “imperativa”) ocorre quando o ser humano age em conformidade com a vontade divina.

Deus é a causa ativa e positiva de todo o bem. Tudo que é bom é o resultado da operação eficiente do poder de Deus, quer diretamente ou por meio de Suas criaturas. É a esta subdivisão da vontade e do propósito de Deus que se aplica Filipenses 2.13, que nos diz: “É Deus que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade”.

7.2. A vontade permissiva. A vontade permissiva acontece quando Deus, a despeito do seu contragosto, permite que o ser humano aja conforme o seu querer, que escolha livremente e colha o fruto de suas ações.

Deus não é a causa do mal; mas, por razões justas, santas e sábias, só por Ele inteiramente conhecidas, Ele decretou permitir aquele mal que vem a acontecer, dominando-o para Sua própria glória. Sendo assim, há coisas que Deus determina por Sua vontade objetiva, são coisas positivas e boas. Por outro lado, há situações em nossas vidas que não constituem a vontade objetiva, mas sim a permissiva. Ele não planejou que fosse assim, mas a permite para favorecer os seus propósitos internos e sábios. Todas as coisas estão debaixo do seu controle, evita o que quer evitar e permite o que quer permitir, mediante seu compromisso de estar sempre conosco dando sua bênção para nós (João 16.33; Mateus 28.20; Salmo 23.4; II Coríntios 12.7-10).

Em síntese podemos dizer que a vontade absoluta de Deus é o que Ele mesmo realiza; a vontade permissiva é o que Ele permite que aconteça. Deus permitiu, mas não dirigiu, a entrada do pecado no mundo. Mas quer seja ativamente (por decreto), ou passivamente (por permissão), Deus é soberano sobre tudo o que acontece. Ele é livre no sentido de que não está sob qualquer outra influência ou poder de qualquer outra coisa ou pessoa a não ser Ele mesmo (Isaías 45.5-7, 18, 21-23). Ele é soberano; Ele tem poder de realizar os seus propósitos (Provérbios 21.1; Daniel 2.21; 4.17,32,34-35).

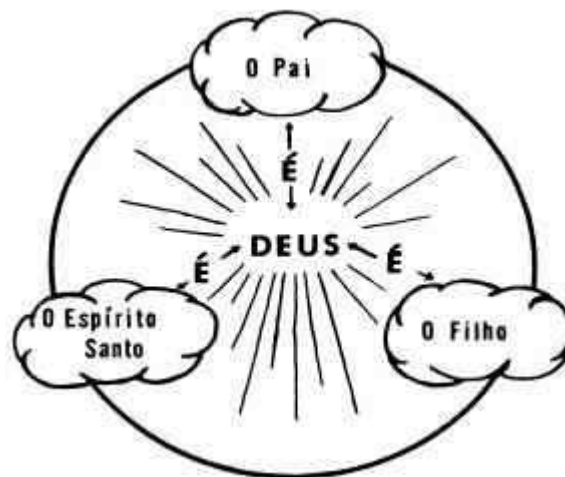
8. ONIPRESENÇA X PRESENÇA MANIFESTA

É muito comum ouvirmos expressões do tipo: “Deus está aqui!” ou “quem está sentindo a presença de Deus?”. Embora haja uma resposta positiva da igreja diante dessas expressões, é fato que muita gente não está sentindo absolutamente nada, porque embora “Deus esteja aqui”, Sua Presença não se manifesta. Existe uma grande diferença entre Deus estar presente e Deus se manifestar.

A presença manifesta de Deus é diferente da onipresença dEle. Deus está presente em todos os lugares, mas Ele apenas se manifesta onde é bem-vindo, onde Ele é desejado, procurado, onde Ele tem liberdade para atuar, onde as pessoas abrem o coração. A presença manifesta de Deus gera mudança de caráter, desperta santidade, desperta fome, desperta sede no coração das pessoas.

Deus escolhe certos lugares para manifestar Sua presença: o Céu é o lugar do Seu trono (Salmo 113.5). Ele não está mais presente em algum lugar do que em outro, mas manifesta a Sua presença de modo especial (Mateus 18.20). Quando o povo de Deus estava no deserto, a arca era o lugar, geograficamente falando, onde Deus se manifestava em Israel e para Israel (Êxodo 25.21-22). Quando a arca é levada pelos filisteus, Deus continua presente em Israel por causa da Sua Onipresença, contudo, não mais se manifesta (cf. 1Samuel 4.17-22). Um exemplo da Onipresença versus Presença manifesta é que Ele está presente, em uma sessão mediúnica por causa de Sua Onipresença, mas Sua Presença não é manifesta ali.

9. A TRIUNIDADE DE DEUS



A doutrina da Trindade, que afirma haver três pessoas em um só Deus, é uma das verdades mais sagradas da Igreja Cristã. Pode-se afirmar que **a doutrina da Trindade não é uma verdade da teologia natural, mas sim da revelação. O que podemos aprender sobre a Trindade vai até o limite daquilo que o próprio Deus revelou a nós.** Strong diz: “A razão nos mostra a Unidade de Deus; mas apenas a revelação nos mostra a Trindade de Deus”. Não poderíamos saber a respeito desta autodistinação na Divindade se Deus não houvesse assim Se revelado.

Nenhum livro isolado ou biblioteca, ou mesmo todo conhecimento reduzido à forma escrita, pode conter e expressar toda a verdade sobre a Trindade. É inútil esperar que um estudo bíblico, por mais exato e completo que ele possa ser, possa expor a verdade inteira sobre esse assunto. Há coisas que Deus simplesmente não nos revelou. E é a própria Palavra de Deus que nos declara isso:

“Há coisas que não sabemos, e elas pertencem ao SENHOR, nosso Deus; mas o que ele revelou, isto é, a sua Lei, é para nós e para os nossos descendentes, para sempre. Ele fez isso a fim de que obedecêssemos a todas as suas leis.”
(Deuteronômio 29.29 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

“Verdadeiramente, tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador.”
(Isaías 45.15 – Versão Revista e Atualizada)

Existe a escolha, portanto, entre crer no Deus verdadeiro conforme Ele se revelou, com mistérios e tudo, ou crer em um Deus que é relativamente fácil de ser compreendido, mas que tem pouca semelhança com o Deus verdadeiro.

9.1. CONCEITO DE TRINDADE

9.1.1. Etimologia.

* Trindade. Do grego τριάς (*trias*) = tri-unidade ou três-em-unidade.

9.1.2. Definições.

- Palavra utilizada para resumir o ensinamento bíblico de que Deus é três pessoas, porém um só Deus. Sua forma grega, **Trias**, parece ter sido usada primeiro por Teófilo de Antioquia (181 d.C.), e sua forma latina, **Trinitas**, por Tertuliano (220 d.C.).
- Doutrina que afirma haver três distinções eternas em uma essência divina, conhecidas respectivamente como Pai, Filho e Espírito Santo. Estas três distinções são três pessoas, e assim podemos falar da tripersonalidade de Deus. O Credo Atanasiano expressa a crença trinitariana da seguinte maneira: *“Adoramos um Deus em trindade, e trindade em unidade, sem confundir as pessoas, sem separar a substância”*.
- União de três pessoas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em uma só Divindade, sendo iguais, eternos, da mesma substância, embora distintas, sendo Deus cada uma dessas Pessoas (Mateus 18.19; 1 Coríntios 12.4-6; 2 Coríntios 13.13; Efésios 4.4-6; 1 João 5.7).

Apesar da “Trindade” ser manifesta através de três pessoas da mesma substância, poder e eternidade – o Pai, o Filho e o Espírito Santo, isto não significa que haja já três deuses, pois a Palavra de Deus declara que há somente um Deus único e verdadeiro:

“Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR.”
(Deuteronômio 6.4)

“Vós sois as minhas testemunhas, diz o SENHOR, e o meu servo, a quem escolhi; para que o saibas, e me creiais, e entendais que eu sou o mesmo, e que antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá.” (Isaías 43.10)

Mesmo sendo paradoxal, o ensino não é contraditório: Deus é três e um simultaneamente. **Precisamos fazer distinção entre o termo “pessoa” e “natureza”**. As pessoas em Deus são três, mas uma só é sua natureza, que consiste em onipotência, onisciência, onipresença, etc.

A palavra “Trindade” em si não ocorre na Bíblia, assim como os termos “Corpo Governante” e “Organização” (utilizados por outros grupos religiosos) também não aparecem. O fato da palavra “Trindade” não aparecer na Bíblia não significa que essa doutrina não exista e nem quer dizer que não seja bíblica. O cometa Halley já existia há muitos milhares de anos antes de receber este nome. A palavra “teocracia” não aparece na Bíblia, contudo as Escrituras ensinam que houve em Israel um governo teocrático. O vocábulo “onisciente” não está registrado na Bíblia nenhuma vez se quer, contudo, a Bíblia ensina que Deus é onisciente.

9.2. RESUMO DO ENSINO BÍBLICO DA DOCTRINA DA TRINDADE

Em certo sentido a doutrina da Trindade é um mistério que jamais seremos capazes de entender completamente. Podemos, todavia, compreender parte de sua verdade resumindo o ensinamento das Escrituras em três declarações:

- 1) **Deus é três pessoas** – O fato de ser Deus três pessoas significa que o Pai não é o Filho; são pessoas distintas. Significa também que o Pai não é o Espírito Santo, mas são pessoas distintas. E significa que o Filho não é o Espírito Santo.
- 2) **Cada pessoa é plenamente Deus** – Além do fato de serem as três pessoas distintas, as Escrituras também dão farto testemunho de que cada pessoa é plenamente Deus.
- 3) **Há um só Deus** – As Escrituras deixam bem claro que só existe um único Deus. As três diferentes pessoas da Trindade são um, não apenas em propósito e em concordância no que pensam, mas um em essência, um na sua natureza essencial. Em outras palavras, Deus é um só ser. Não existem três Deuses. Só existe um Deus.

9.3. A TRINDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

O Antigo Testamento não expõe a doutrina da Trindade com a mesma clareza que encontramos no Novo Testamento (embora isso não signifique que não esteja lá). Isso se dá porque a revelação de Deus sobre si mesmo foi sendo fornecida aos poucos (chamamos isso de “revelação progressiva”), com o passar dos anos. Apesar disso, diversos textos nos mostram a existência da Trindade.

*“E disse Deus: **Façamos** o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou.”*
(Gênesis 1.26-27)

O verbo “fazer”, no caso do texto acima, aponta para um ato criativo, e somente Deus pode criar. Assim, ao ser criado, o homem não poderia ter a imagem de um anjo ou de nenhuma outra criatura, mas a imagem de Deus, a imagem de seu Criador. Por isso no versículo 27 lemos: *“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; ...”*.

*“Então, desceu o SENHOR para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; e o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e, agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, **desçamos e confundamos** ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro.”* (Gênesis 11.5-7)

Por que “*desçamos e confundamos*” e não “*vou descer e confundir*”? Se a Trindade não fosse uma realidade e uma verdade bíblica, como fazer com essas passagens? Dizer que Deus estava falando com o anjos, é dizer que os anjos são divinos. Fica, pois claro e patente esta grande verdade, rejeitá-la é rejeitar a Bíblia.

9.4. A TRINDADE NO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento a revelação da trindade de Deus é ainda mais inquestionável. Os textos bíblicos mostram sempre juntos o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

*“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do **Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.**”* (Mateus 28.19)

Levando-se em conta que Deus é Único (Isaías 43.10) e não divide a Sua glória com ninguém (Isaías 42.8; Isaías 48.11), é interessante notar como o Pai, o Filho e o Espírito Santo são postos em pé de igualdade, coisa que nenhuma criatura, por melhor que fosse, poderia atingir.

“Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um.” (1João 5.7)

Rejeitar a autoridade dessa passagem é crer que João deixou sua epístola incompleta e sem concluir o seu raciocínio. A pessoa que se diz cristã e não consegue crer na Bíblia no seu todo, está duvidando da integridade e da autenticidade dela.

No Novo Testamento a doutrina da Trindade não é ensinada por insinuação ou algo subtendido, mas por declarações ou demonstrações claras, como segue:

- a) **Na comissão apostólica** – *“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!”* (Mateus 28.19-20)
- b) **Na bênção apostólica** – *“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com vós todos. Amém!”* (2Coríntios 13.13)
- c) **No batismo de Jesus** – *“E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”* (Mateus 3.16-17)

9.5. CORRELAÇÃO ENTRE AS TRÊS PESSOAS DA TRINDADE

9.5.1. Deus

A Bíblia diz que só um é chamado Deus (Deuteronômio 4.35, 39; Isaías 44.6, 8; Isaías 45.5, 21; Isaías 46.9). No entanto diz que cada uma destas Pessoas é Deus.

O Pai é Deus	João 17.3; 1Coríntios 8.4-6; Efésios 4.6
O Filho é Deus	João 1.1; Romanos 9.5; Hebreus 1.8-9; 1João 5.20
O Espírito Santo é Deus	Salmo 78.18-19; Atos 5.3-4; Atos 7.51

9.5.2. Yahweh

As Escrituras Sagradas nos ensinam que somente um é chamado Yahweh (Deuteronômio 6.4; Neemias 9.6; Salmo 83.18; Isaías 45.5-6,18). No entanto nos ensinam que cada uma dessas Pessoas é Yahweh.

O Pai é Yahweh	1Samuel 2.2; 1Crônicas 17.20; Isaías 37.20
----------------	--

O Filho é Yahweh	Isaías 40.3; Jeremias 23.5-6; Mateus 3.3
O Espírito Santo é Yahweh	Êxodo 17.7; Juízes 15.14; Juízes 16.20; Hebreus 3.7-9; 2Pedro 1.21

9.5.3. Deus de Israel

Segundo a Palavra de Deus, somente um é chamado Deus de Israel (Deuteronômio 5.1, 6-7). Não obstante ensina que cada Pessoa da Trindade é Deus de Israel.

O Pai é Deus de Israel	Salmo 72.18
O Filho é Deus de Israel	Ezequiel 44.2; Lucas 1.16-17
O Espírito Santo é Deus de Israel	2Samuel 23.2-3

9.5.4. Senhor

A Bíblia ensina que somente um é chamado Senhor (Marcos 12.29). No entanto, diz que cada uma dessas Pessoas é Senhor.

O Pai é Senhor	Salmo 72.18
O Filho é Senhor	Ezequiel 44.2; Lucas 1.16-17
O Espírito Santo é Senhor	2Samuel 23.2-3

9.5.5. Onipotente

A Bíblia afirma que somente Deus é onipotente (Deuteronômio 3.24; Salmo 89.6-8; Isaías 43.12-13; Jeremias 10.6). E ela mesma ensina também que cada uma dessas Pessoas é Onipotente.

O Pai é Onipotente	2Crônicas 20.6; Isaías 14.27; Efésios 1.19
O Filho é Onipotente	Mateus 28.18; Filipenses 3.21; Apocalipse 1.8; Apocalipse 3.7
O Espírito Santo é Onipotente	Zacarias 4.6; Lucas 1.35; Romanos 15.13, 19

9.5.6. Eterno

A Bíblia é clara em ensinar que somente Deus é eterno (Isaías 40.28; Isaías 41.4; Isaías 43.10, 13; Isaías 44.6). E com essa mesma clareza ensina a Bíblia que cada uma destas Pessoas é Eterna.

O Pai é Eterno	Salmo 90.2; Salmo 93.2
O Filho é Eterno	Isaías 9.6; Miquéias 5.2; João 1.1; João 8.58; João 17.5, 24; Apocalipse 1.17-18
O Espírito Santo é Eterno	Gênesis 1.2; Hebreus 9.14

9.5.7. Onipresente

As Santas Escrituras ensinam que somente Deus é Onipresente (Jeremias 23.23-24). No entanto revelam que cada uma dessas três Pessoas é Onipresente.

O Pai é Onipresente	Amós 9.2-3; Hebreus 4.13
O Filho é Onipresente	Mateus 18.20; Mateus 28.20; João 3.13
O Espírito Santo é Onipresente	Salmo 139.7-10; João 14.17; 1Coríntios 3.16

9.5.8. Onisciente

A Bíblia Sagrada afirma que somente Deus é onisciente (cf. 1Reis 8.39; Daniel 2.20-22; Mateus 24.36). No entanto, encontramos nela que cada uma dessas Pessoas é Onisciente.

O Pai é Onisciente	1Crônicas 28.9; Salmo 7.9; Salmo 139.1-6; Lucas 11.49; Apocalipse 22.6
O Filho é Onisciente	Mateus 9.3-4; Lucas 19.41; João 2.24-25; João 6.64; Colossenses 2.2-3
O Espírito Santo é Onisciente	Ezequiel 11.5; Lucas 2.26; Romanos 8.26-27; 1Coríntios 2.10-11; 1Timóteo 4.1

9.5.9. Criador

As Escrituras Sagradas afirma que somente Deus é o Criador (Isaías 44.24; Isaías 45.5-7, 18). Mas mesmo assim ensinam elas que cada uma destas três Pessoas é o Criador.

O Pai é Criador	Neemias 9.6; Jeremias 27.5; Salmo 146.6; Atos 14.15
O Filho é Criador	João 1.1-3; Colossenses 1.16-18; Hebreus 1.2, 10
O Espírito Santo é Criador	Jó 26.13; Jó 33.4; Salmo 104.30

9.5.10. Vida

A Bíblia diz que somente Deus é a fonte da vida (Deuteronômio 32.39). No entanto, ela afirma que cada uma dessas três Pessoas é a fonte da vida.

O Pai é Vida	Salmo 36.9; Atos 17.25, 28
O Filho é Vida	João 1.4; João 11.25
O Espírito Santo é Vida	Jó 33.4; Romanos 8.2

9.5.11. Bom

A Bíblia nos ensina que somente Deus é bom (Mateus 19.17; Marcos 10.18; Lucas 18.19). No entanto, ela mesma afirma que cada uma dessas três Pessoas possui o atributo da Bondade.

O Pai é Bom	Salmo 86.5; Salmo 108.4; Lucas 6.35
O Filho é Bom	Atos 10.38; 2Co 10.1
O Espírito Santo é Bom	Neemias 9.20; Salmo 143.10

9.5.12. Autor do Novo Nascimento

Cada uma dessas três Pessoas é o “autor do novo nascimento”.

O Pai	João 1.13
O Filho	1João 2.29
O Espírito Santo	João 3.5-6

9.5.13. Ressuscitou a Jesus

Cada uma dessas três Pessoas ressuscitou a Jesus.

O Pai	Atos 2.24; 1Coríntios 6.14
O Filho	João 2.19; João 10.18
O Espírito Santo	1Pedro 3.18

9.5.14. Habita nos fiéis

Cada uma dessas três Pessoas habita nos fiéis.

O Pai	João 14.23; 1Coríntios 14.25; 1Coríntios 6.16; Efésios 4.6; 1João 2.5; 1João 4.12-16
O Filho	João 17.23; 1Coríntios 13.5; Gálatas 2.20; Efésios 3.17; 1João 3.17, 24; Apocalipse 3.20
O Espírito Santo	João 14.27; Romanos 8.11; 1Coríntios 3.16; 1Coríntios 6.19; 2Timóteo 1.14; Tiago 4.5

9.5.15. Dá a vida eterna

Cada uma dessas três Pessoas dá a vida eterna.

O Pai	1João 5.11
O Filho	João 10.28
O Espírito Santo	Gálatas 6.8

9.5.16. Distribui os dons espirituais

Cada uma dessas três Pessoas distribui os dons espirituais.

O Pai	1Coríntios 12.6; Hebreus 2.4
O Filho	1Coríntios 12.5
O Espírito Santo	João 14.26-27; 1Coríntios 12.8-11

9.5.17. Falou com o profeta Isaías

Cada uma dessas três Pessoas falou com o profeta Isaías

O Pai	Isaías 6.1, 8-9
O Filho	João 12.36-42
O Espírito Santo	Atos 28.25

BIBLIOGRAFIA

- BANCROFT, Emery H.. *Teologia Elementar; Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: IBR, 1966. 43-45, 101, 109, 114-115, 118 p.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 720 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Trad. J. M. Bentes. 7. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 1037 p.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – Volume II (N-Z)*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1531-1532 p.
- ERICKSON, Millard J.. *Introdução à Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.
- FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?; um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 1984. 15-26 p.
- GRUDEM, Wayne A.. *Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999. 165, 169-174, 297, 449, 453 p.
- KEENER, Craig S.. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2004. 273 p.
- THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em teologia sistemática*. São Paulo: IBR, 1987. 375 p.
- VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.